MEMÓRIAS de um SARGENTO de MILÍCIAS

manuel
antônio
de almeida

textos informativos:
fátima mesquita

7ª impressão

PANDA BOOKS

© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Olívia Tavares
Camila Martins

Projeto gráfico, diagramação e capa
Casa Rex

Colaboração
Denise Dambros
Leonardo Lanna

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Preparação
Ab Aeterno

Revisão
Tatiana Malheiro
Luciana Moreira

Imagens
iStockphoto
MAClarke21/ CC BY 2.0 (p. 39)

Impressão
Cromosete

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição de 1854, publicada por Typographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, Rio de Janeiro; na segunda edição de 1862, publicada por Typ. do Commercio de Joaquim F. Nunes, Pelotas; na edição de 1969, publicada por Insituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro; e na edição de 2004, publicada por Ática, São Paulo.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Almeida, Manuel Antônio de, 1830-1861
Memórias de um sargento de milícias/ Manuel Antônio de Almeida.
São Paulo: Panda Books, 2015. 264 pp.: il.

ISBN 978-85-7888-217-4

1. Romance brasileiro. I.Título.

12-1146 CDD: 910
CDU: 913

2021
Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim "clássico" mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que "clássico" eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra "clássico". A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: "Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva".

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um "clássico" já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais "clássicos da literatura brasileira" eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

E O TALENTO FOI POR ÁGUA ABAIXO

Manuel Antônio de Almeida nasceu numa família pobre, no Rio de Janeiro, em novembro de 1830. Era filho do tenente Antônio de Almeida com a dona de casa Josefina Maria de Almeida e ficou órfão de pai muito cedo, por volta dos 11 anos. Mesmo assim, ele conseguiu estudar medicina, enquanto pagava as contas trabalhando como jornalista, cronista, crítico literário e escritor.

Também foi funcionário público, administrando a Tipografia Nacional e trabalhando na Secretaria da Fazenda, até que cis-

mou de virar candidato ao que hoje seria um deputado estadual. Só que deu tudo muito errado: ao preparar-se para as eleições, o escritor embarcou numa viagem no navio a vapor *Hermes*, do Rio para a cidade de Campos. No dia 28 de novembro de 1861, com apenas 31 anos, Manuel morreu vítima de um naufrágio que aconteceu na altura de Macaé.

FOLHETIM E FAMA

Por ter morrido tão novo, a obra dele não é muito extensa. Fora este livro aqui, ele escreveu uma peça de teatro, um libreto de ópera, a tese de doutoramento em medicina e uns poemas aqui e ali. Estas *Memórias* que você está prestes a curtir saíram primeiro como folhetim – uma espécie de novela, que era impressa em capítulos nos jornais, e que o povo seguia tão apaixonadamente como hoje em dia a gente acompanha novela e seriado na TV. Os capítulos foram publicados durante um ano, de junho de 1852 a julho do ano seguinte, e sem assinatura. Só em 1854 é que saiu a primeira metade da coleção completa dos capítulos, seguida, em 1855, pela metade final, e ainda assim sem o nome do autor. A primeira vez que o livro foi publicado com o nome de Manuel foi em 1863, mas, infelizmente, ele já estava morto.

Mas por que este livro é considerado um clássico? Primeiro, porque ele é bem escrito. A narrativa dele é envolvente. Se você não ficar com preconceitos e passear na boa por um português que não é igualzinho ao que a gente fala hoje, vai ver que o enredo é legal, cheio de viradas, confusões e muito humor.

Além disso, na época, este livro foi uma grande inovação porque, naquela altura, os escritores estavam numa onda de escrever coisas que pintavam um mundo ideal, que não tinham nada a ver com a realidade, ou seja, eles estavam deitando e rolando num estilo literário que ficou conhecido como Romantismo. Mas nas *Memórias*, Manuel passa longe disso. O cara saiu retratando a vida do Rio de um modo realista, bem do jeito como ela era no comecinho do século XIX, quando a corte portuguesa estava arranchada cá no Brasil. E fez isso usando uma linguagem bem coloquial, num tom direto, bem-humorado, sem se preocupar em seguir a moral e fazendo, assim, um livro bem popular na época.

O PICARETA E O PICARESCO

O mais legal, aliás, é isso mesmo: é ver como o autor meio que tira uma fotografia do modo como o povão vivia naquele tempo. E isso era uma perspectiva bem diferente, já que antes os autores andavam escrevendo sempre do ponto de vista da nata, dos ricaços de então. E aí, pra culminar, Manuel também vem com um personagem principal que é um anti-herói – isso mesmo: o tal do Leonardo é o maior folgado, querendo sempre se dar bem sem fazer esforço algum.

Na verdade, por conta dessa coisa malandra, os especialistas dizem que este livro tem a ver com o que é chamado de romance picaresco, que teve sua origem na Espanha e nos remete à palavra "pícaro", usada para referir-se àqueles que vivem de pequenos golpes, de trapaças, de malandragem pura. E vem daí a palavra "picareta", no sentido de ser uma pessoa sacana, em quem a gente não pode confiar. O pícaro ou picareta apronta essas coisas pra garantir seu sustento, sua sobrevivência, e é exatamente isso o que o Leonardo faz, dando sempre um jeitinho de se sair bem.

Se você não cismar de sofrer com a língua que é, claro, diferente do português que a gente usa hoje em dia, você vai dar boas risadas com a malandragem que corre solta nas páginas deste livro, que tem capítulos curtos, muito fáceis de devorar aos pouquinhos, sem sofrer. E pra te dar uma mãozinha extra, a gente ainda lotou o texto de **explicações** e **links** bem espertos pra sua leitura ficar ainda mais suave e tranquila. Você vai ver que esta história, escrita há mais de 160 anos, tem tudo a ver com a nossa vida hoje. Então, deixa o bode de lado, desamarra essa tromba de quem está sendo obrigado a ler um livro e tente curtir, na boa, o que tem de engraçado e interessante nesta trama.

Vale a pena tentar!

Fátima Mesquita

Fotos para contextualizar a cena.

Sugestões de pesquisa na internet.

Comentários curtos e curiosidades.

Dicas de vídeos para assistir online.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

TOMO I

I	Origem, nascimento e batizado	10
II	Primeiros infortúnios	16
III	Despedida às travessuras	23
IV	Fortuna	28
V	O Vidigal	32
VI	Primeira noite fora de casa	37
VII	A comadre	42
VIII	O Pátio dos Bichos	46
IX	O – arranjei-me – do compadre	50
X	Explicações	56
XI	Progresso e atraso	63
XII	Entrada para a escola	67
XIII	Mudança de vida	72
XIV	Nova vingança e seu resultado	77
XV	Estralada	84
XVI	Sucesso do plano	90
XVII	D. Maria	94
XVIII	Amores	101
XIX	Domingo do Espírito Santo	106
XX	O fogo no Campo	110
XXI	Contrariedades	115
XXII	Aliança	120
XXIII	Declaração	124

TOMO II

I	A comadre em exercício	130
II	Trama	135
III	Derrota	140
IV	O mestre de reza	146
V	Transtorno	151
VI	Pior transtorno	157
VII	Remédio aos males	163
VIII	Novos amores	169
IX	José Manuel triunfa	174
X	O agregado	181
XI	Malsinação	187
XII	Triunfo completo de José Manuel	192
XIII	Escapula	196
XIV	O Vidigal desapontado	202
XV	Caldo entornado	206
XVI	Ciúmes	210
XVII	Fogo de palha	215
XVIII	Represálias	218
XIX	O granadeiro	224
XX	Novas diabruras	230
XXI	Descoberta	238
XXII	Empenhos	242
XXIII	As três em comissão	247
XXIV	A morte é juiz	253
XXV	Conclusão feliz	259

TOMO I

I

ORIGEM, NASCIMENTO E BATIZADO

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — *O canto dos meirinhos* —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo.*

Com a invasão de Portugal pelo Exército Francês de Napoleão, d. João VI e sua turma – que somava nada menos que umas 15 mil pessoas – se meteram no mar a bordo de 35 navios, desembarcando no Rio de Janeiro em março de 1808. Portanto, a história aqui contada se passa no século XIX.

Daí sua **influência moral**.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivavam de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os **meirinhos** desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos: nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam **chicana**. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras que, desdobrando junto dele uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível — *Dou-me por citado*. — Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem-número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis **Carontes**, estavam à porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhes tivesse deixado, não um **óbolo**, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a última parcela de sua paciência.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso

Meirinho é o que hoje conhecemos como oficial de justiça. Ele era uma espécie de supercarteiro que executava ordens de prisão, entrega de intimações para depor, ou penhorar bens e outros mandatos judiciais.

Sabe aqueles VIPs que conseguem tudo o que querem? Tipo isso.

Chicana é um termo judicial e formal para "problema".

Caronte: na mitologia grega, moedas eram colocadas sobre os olhos dos mortos como pagamento a Caronte, o barqueiro que os transportava para o mundo inferior.

Óbolo: moeda grega de pouco valor.

Fidalgo vem da expressão "filho de algo". Eram as celebridades da época.

Se nessa época já existisse futebol, o tema nas rodas de conversa seria a tabela do Campeonato Brasileiro.

O Leonardo-pai tinha o apelido de Pataca, nome de uma moeda de prata que circulou no Brasil. Uma moeda valia 320 réis. Você sabia que a pataca existe até hoje no Timor-Leste e em Macau?

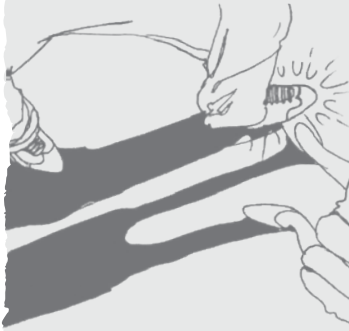
dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos **fidalgos**, nas **notícias do Reino** e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o **Leonardo-Pataca**. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca cousa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal-apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do **Tejo**, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dous amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Tejo é o principal rio de Portugal.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dous morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia **função**: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a **rabeca**, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o **minuete** da corte. Foi aceita a ideia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antítese da sua; um colega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca; e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio.



Função: trabalho.

Rabeca é um instrumento musical precursor do violino e que acompanhava o canto e a dança. Até o século XX, em Portugal, era o nome dado ao violino moderno.

Assista a vídeos do minuete no YouTube.

Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recomeçar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zum-zum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria. Foi nas saudades da terra natal que ele achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom Português, que o era ele. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,
Acompanhado ou sozinho,
Cantava de noite e de dia
Ao pé dum copo de vinho!

Obsequiar: agradecer.

Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo; somente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que **obsequiou** o pai como obsequiara ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. À Maria avermelharam-se-lhe os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saiu, deitando a bênção ao afilhado e pondo-lhe no cinteiro um raminho de arruda.

II

PRIMEIROS INFORTÚNIOS

Oitava é a sequência das oito notas musicais: do, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Confira no YouTube.

Ojeriza: antipatia.

Não, o autor não está falando daquele biscoito...

Passemos por alto sobre os anos que decorreram desde o nascimento e batizado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete anos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em **oitava** alta; era colérico; tinha **ojeriza** particular à madrinha, a quem não podia encarar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de **traquinas**, guloso; quando não

traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém ele não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas.

Assim chegou aos sete anos.

Afinal de contas a Maria sempre era **saloia**, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia ele desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraiçoado. Havia alguns meses atrás tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos através das rótulas: uma ocasião, recolhendo-se, parecera-lhe que o vira encostado à janela. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo colega seu o procurasse em casa, para tratar de negócios do ofício, sempre em horas desencontradas: porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por três ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta adentro; alguém que estava na sala abriu precipitadamente a janela, saltou por ela para a rua, e desapareceu.

À vista disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia embaixo do braço, e endireitou para a Maria com os **punhos cerrados**.

— Grandessíssima!...

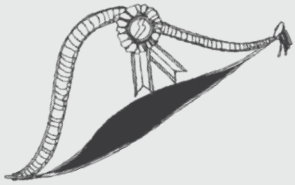
E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou... e pôs-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e pôs-se em guarda, pois também não era das que se receava com qualquer cousa.

— Tira-te lá, ó Leonardo!

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que tranco-te essa boca a socos...

— Safe-se daí! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo?



Saloia: camponesa; aldeã; pessoa rústica.

E Sorte de Leonardo-Pataca que a lei Maria da Penha ainda não existia.

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor aumentou-lhe a dor da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistência desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre!...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguês, e não podia largá-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda essa cena com imperturbável sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, este ocupava-se tranquilamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer delas uma grande coleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma cousa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritória em que se ocupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia-volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sobre os glúteos atirando-o sentado a **quatro braças** de distância.

— És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas: mal caiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fora, e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, e atracando-se-lhe às pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguês a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos: com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguês recebeu um batismo de água de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má!...

— Senhor, balbuciou este... a culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão trêmula nessa direção.

A braça equivale à distância entre o dedo médio da mão direita até o mesmo dedo da mão esquerda, com os braços estendidos um para cada lado. O problema dessa medida é que cada pessoa tem um tamanho, ou seja, era difícil ter duas braças exatamente iguais. Mas hoje se sabe que uma braça era o equivalente a 2,2 metros e vinha subdividida em duas varas, cada uma de 1,1 metro.

O compadre olhou também, aplicou a atenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham! resmungou; já sei o que há de ser... eu bem dizia... ora aí está!...

E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma cousa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Espiar a **vida alheia**, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo cousa tão comum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios desse belo hábito. Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do ofício, o compadre presenciara os passeios do sargento por perto da rótula de Leonardo, as visitas extemporâneas do colega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava ele mais dia menos dia com o que acabava de suceder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rótula que o menino ao sair deixara cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— Ó compadre, disse, você perdeu o juízo?...

— Não foi o juízo, disse o Leonardo em tom dramático, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, cobrou ânimo, e altanando-se disse em tom de zombaria:

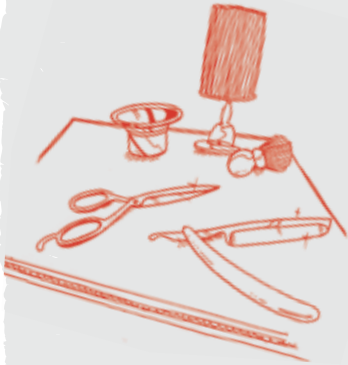
— Honra!... honra de meirinho... ora!

O **vulcão de despeito** que as lágrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotou de novo com este insulto, que não ofendia só um homem, porém uma classe inteira! Injúrias e murros à mistura caíram de novo sobre a Maria das mãos e da boca de Leonardo. O compadre, que se interpusera, levou alguns por descuido; afastou-se pois a distância conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Enfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascera, o dia em que

E nessa época nem se falava em Big Brother, hein? Daqueles tempos até hoje, a vida alheia sempre esteve entre os trending topics.



Olha uma metáfora para reforçar a ironia!

pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadela, o beliscão com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dor dos murros lhe trazia à cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharam-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, meteu as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas e pôs-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e saiu batendo com a rótula e exclamando:

— Vá-se tudo com os diabos!...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não há de ficar assim... pôr-me as mãos!... ora... vou com isto à justiça!...

— Comadre...

— Nada, não atendo, compadre... vou com isto à justiça, e apesar de ser ele um meirinhaço muito velhaco, há de se haver comigo.

— É melhor não se meter nisto, comadre... sempre são negócios com a justiça... o compadre é seu oficial, e ela há de punir pelos seus.

As ameaças da Maria não passavam de bravatas que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituída a paz em casa. Houve então larga conferência entre os dous, no fim da qual o compadre saiu dizendo:

— Ele há de voltar... aquilo é gênio... há de passar... e se não... o dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ela suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquela ocasião, e por isso na conferência que referimos tratara de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ela **figurara** e o compadre acreditara que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era **condescendente**, e que a Maria tinha razão quando falara ironicamente em honra de meirinho.

Figurar: imaginar.

Condescendente: tolerante; flexível.

Toda esta cena que acabamos de descrever passou-se de manhã. À tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, aflito e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aéreo que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos... ela está arrependida... doudices de rapariga... mas não há de fazer outra...

O Leonardo não respondeu; pôs-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para trás e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que ele estimara as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronunciá-las se ele não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acabe-se tudo! Coitada!... ela ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo!...

Chegando à porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que ele queria eram algumas súplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria; a fim de fazê-la acreditar que se ele voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

— Entre, homem... basta de criançadas... o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto numa das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre cômico e melancólico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá...

Ninguém respondeu.

— Há de estar aí a chorar metida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto à sala entre consternado e espantado.

O Leonardo, supondo que ele tinha achado a Maria, e que sem dúvida a trazia pela mão contrita e humilhada, quis fazer-se de bom: ergueu-se, meteu as mãos nos bolsos, e pôs-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— Ó compadre, disse este aproximando-se...

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se... o dito por não dito... mudei de resolução!...

— Olhe, homem...

— Nada, nada... está tudo acabado...

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem... escute... olhe que a comadre...

— Não quero saber dela... está tudo acabado; e já disse...

— Foi-se embora... homem... foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo trêmulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado... adeus compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e saiu precipitadamente.

O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: — Está bom, já agora... vá; ficaremos com uma carga às costas.

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na véspera de noite.

— Ah! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da notícia, foram saudades da terra!...